

VISIBILIDADE VERSUS ESTIGMATIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ESCRITA DE SURDOS EM COMENTÁRIOS DO YOUTUBE

Ana Paula Saffe Mendes (UFMS)

saffeanap@gmail.com

Adalgisa Aparecida de Oliveira (UFMS)

adalgisavcg123@gmail.com

Elaine de Moraes Santos (UFMS)

proflainemoraes2@gmail.com

RESUMO

Diante da democratização da *internet* e, com ela, a variedade de espaços discursivos de interação/inscrição de sujeitos nas redes sociais, pessoas surdas têm aumentado sua participação pela grande quantidade de textos gestovisuais em circulação e pela liberdade que as interfaces *on-line* oferecem à sua manifestação de opinião, sobretudo em uma sociedade letrada na língua portuguesa. Em contrapartida, os surdos, cujo idioma materno é a LIBRAS, são frequentemente estigmatizados ao visibilizar suas práticas escritas nas mídias sociais digitais, ficando à mercê da fronteira: visibilidade *versus* discriminação. Cientes desse processo, este exercício analítico tem por objetivo promover um gesto de interpretação dos comentários produzidos no canal *Danrley Oliveira*, disponível na plataforma do *Youtube*, a partir da postagem do vídeo “Surdo escreve tudo errado?! Por quê?” Para tanto, adotamos a perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso de orientação francesa, em diálogo com estudos direcionados à compreensão da surdez. Enquanto recorre que articula as conclusões de um estudo de iniciação científica e o objeto das reflexões parciais de uma dissertação de mestrado em andamento, a justificativa da proposta reside na emergente necessidade de desconstrução de discursos estabilizados acerca dos recursos textuais mobilizados por indivíduos gestovisuais. Da análise das sequências enunciativas *regulares* (FOUCAULT, 2010a) no *corpus* selecionado, os resultados explicitam a urgência de se fomentar políticas linguísticas de desmistificação das práticas de escrita do sujeito surdo dentro e fora da rede, tanto quanto de possibilitar a real integração entre usuários das duas línguas oficiais do Brasil.

Palavras-chave:

Surdo. Língua portuguesa. Práticas de escrita.

ABSTRACT

Facing the democratization of the Internet and, with it, the variety of discursive spaces of interaction/insertion of subjects in social media, deaf people have been increasing their participation by the great quantity of visual gesture texts in circulation and by the liberty that online interfaces offer their opinion manifestation, mainly in a society built on portuguese language. On the other hand, deaf people, whose mother tongue is LIBRAS, are frequently stigmatized when making their writing practices visible on digital social media, staying on the border: visibility versus discrimination. Aware of this process, this analytical exercise has the goal to promote a interpretation gesture of the produced comments in Danrley Oliveira’s channel, available on YouTube

platform, starting from the video “Surdo escreve tudo errado?! Por quê?”. For that, we use the theoretical-methodological perspective of French orientation Speech Analysis, in dialogue with studies towards deafness comprehension. As part of a scientific initiation study conclusion and subject of the partial reflections of a Masters dissertation in progress, the proposal’s justificative stands on the emerging need of deconstruction of stabilized speeches on textual resources mobilized by visual gesture individuals. From the analysis of the regular enunciative sequences (FOUCAULT, 2010a) in the selected corpus, the results show the urgency of promoting language policies on demystification of the deaf people’s writing practices in and outside of the web, as much as of making possible the real integration of Brazil’s both official languages speakers.

Keywords:

Deaf. Youtube. Portuguese language. Writing practices.

1. Introdução

Este trabalho busca pensar a escrita produzida por pessoas surdas no entremio de uma sociedade que Skliar (1998) designa como “ouvintista”³⁷², mais especificamente na rede social *Youtube*. Nela, adentramos as práticas discursivas de internautas no vídeo “Surdo escreve tudo errado?! Por quê?”, disponibilizado na plataforma pelo canal do intérprete de LIBRAS Danrley Oliveira.

Nossas inquietações emergem dos efeitos de sentido possíveis para a escrita em questão nas discursividades que circulam na internet como *acontecimentos discursivos*, no sentido foucaultiano dos termos, isto é, como a irrupção de enunciados em suas singularidades históricas. Observamos que a plataforma digital, popular pelo compartilhamento de vídeos musicais e produções independentes de conteúdos diversos, tem possibilitado a maior visualização de materiais sobre a comunidade surda ou sobre a língua de sinais. Na maioria de tais compartilhamentos, entretanto, o conteúdo é direcionado ao conhecimento da comunidade ouvinte, como apontam os trabalhos de Mendes (2019; 2018).

Pensando na contradição inerente ao fato de que o uso da língua de sinais, nessa mídia, promove a visualização de um elemento importante à comunidade surda, por meio de sujeitos ouvintes, analisamos como essa visibilidade sobre os assuntos referentes ao surdo e suas diversas especificidades culturais e identitárias são recebidas pelos *sujeitos ordinários* (SILVEIRA, 2016) e expostas na barra de comentários. O enuncia-

³⁷² De acordo com Skliar (1998), o *ouvintismo* é uma ideologia social que exclui o ser surdo dos espaços, desconsiderando suas singularidades e necessidades.

do-pergunta da postagem em estudo chama a atenção pela forma como a especificidade linguística do surdo ainda é significada historicamente no Brasil. Na verdade, por fazer parte de uma sociedade letrada na língua portuguesa, vemos que a pessoa surda se encontra envolvida/imersa em uma zona fronteira entre o uso dessa língua e o emprego da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais. Assim, como condições para a constituição do recorte, levamos em consideração três aspectos: a) a mídia digital e os dizeres não legitimados; b) a permissividade da internet; c) a estigmatização da escrita da pessoa surda.

Cientes desse local imposto à comunidade surda por uma sociedade normativa e excludente, objetivamos desestabilizar os efeitos de evidência ainda existentes acerca da natureza híbrida da escrita surda, problematizando, para isso, os comentários da rede enquanto exemplares de *discursos ordinários* (SILVEIRA, 2015). Para o cumprimento de tal propósito, acionamos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, em diálogo com reflexões produzidas pela linha de investigação denominada Estudos Surdos.

Neste primeiro momento, ressaltamos o que perfaz o nicho de interrogação com a pergunta de pesquisa: em que a liberdade de expressão na internet viabiliza/visibiliza a construção discursiva de sujeitos surdos, tendo vista enfrentamentos e limites fronteiros que ainda estigmatizam sua escrita?

Pensando na seção de comentários do *Youtube*, das manifestações edificantes às ofensivas, entendemos que a natureza de tudo ainda é calcada na historicidade do que Foucault (2010b, p. 7) designa por “uma arriscada ordem de discursos”. Nessa historicidade que apaga os elementos culturais e identitários do surdo, como sua língua, o espaço digital pode ser pensado enquanto um instrumento que permite a visualização dessa estrutura social que aloca a comunidade surda em um espaço de anormalidade, perpassando uma ideia de deficiência que se fez recorrente, por séculos, em várias partes do mundo. Tal concepção estereotipa a pessoa surda como alguém incapaz de realizar determinadas funções ou de possuir qualidades inerentes aos ouvintes, tidos como “normais”.

Na busca de problematizar como essas percepções históricas reverberam no *Youtube* sobre a escrita da pessoa surda, especialmente a partir da permissividade da plataforma digital, recortamos o arquivo de pesquisa elaborado em um *corpus* composto por 6 comentários de internautas, enquanto exemplares da *regularidade discursiva* (FOUCAULT,

2010a) com que esse processo aconteceu na postagem selecionada. Consideramos, ainda, outros elementos constitutivos da circulação e da recepção de tais conteúdos, como os chamados *likes* ou mesmo as respostas a cada comentário recortado. A partir da montagem do *corpus*, estabelecemos alguns critérios para a seleção das sequências enunciativas que serão discutidas aqui. Trata-se de dizibilidades que: a) estigmatizam a escrita e a pessoa surda; b) responsabilizam a família e/ou a pessoa surda pelo que os internautas consideram falta de habilidade com a língua portuguesa; c) não visualizam o português com L2, isto é, enquanto segunda língua da pessoa surda.

2. Efeito de sentidos em comentários do Youtube

Em 1960, com a atribuição de um *status* linguístico de língua natural à língua de sinais americana, em estudo desenvolvido por Stokoe (1978), houve uma resignificação da surdez como uma diferença linguístico-cultural, segundo apontam pesquisadoras como Gesser (2012), Dallan (2013), Quadros & Karnopp (2004). A alteração de paradigma e o reconhecimento do surdo enquanto um indivíduo dotado de identidades e culturas fomentou a criação de políticas linguísticas destinadas à valorização de seu sistema linguístico e de sua diversificada produção artístico-cultural. Para Santana (2007, p. 33):

[...] conferir à língua de sinais o estatuto de língua não tem apenas repercussões linguísticas e cognitivas, mas também sociais. Se ser anormal é caracterizado pela ausência de língua e de tudo que ela representa (comunicação, pensamento, aprendizagem etc.), a partir do momento em que se tem a língua de sinais como língua do surdo, o padrão de normalidade também muda. Ou seja, a língua de sinais legitima o surdo como “sujeito de linguagem” e é capaz de transformar a anormalidade em diferença. Isso é resultado de uma luta pela redefinição do que é considerado normal. A ideia de que a surdez é uma diferença traz com ela uma delimitação de esferas sociais: a identidade surda, a cultura surda, a comunidade surda. (SANTANA, 2007, p. 33)

Entretanto, vemos que as mudanças vigentes ainda não são suficientes para o extermínio do caráter estigmatizante com que ouvintes tratam a escrita de surdos brasileiros. Isso porque, quando os indivíduos gestovisuais emitem suas opiniões, influenciando e sendo influenciadas, suas postagens, muitas vezes, são questionadas à luz de posturas normativistas pelos internautas, que apontam para o distanciamento entre a língua portuguesa e a LIBRAS, sem de fato contemplar a língua de sinais como primeira língua. Considerando-a, muitas vezes, por um pensamento

tradicionalista, os usuários da rede designam a escrita do surdo como uma versão confusa e com erros da língua portuguesa, reproduzindo um discurso estabilizado que perpassa a nossa sociedade.

Entendemos a noção de *identidade* e *cultura surda* de acordo com os pensamentos de Skliar (1998) para tratar dos efeitos de sentido emergentes nessa nova ordem discursiva digital que permite autonomia e autoridade sobre esse corpo visto pelo outro enquanto incapaz, preguiçoso e inútil, mas que faz parte de uma comunidade e se movimenta a partir de uma diferença linguística, e não de uma ausência de qualquer ordem. A escrita do surdo é abordada no vídeo e nos comentários de forma direta, enquanto os aspectos sociais que permeiam a existência desse sujeito só aparecem na direção de aceitarmos compreender a língua oral auditiva como superior à gestovisual, tal como ressoa nos dizeres estabilizados dos internautas. O poder da concepção que temos de língua submete a comunidade surda a provas de sua capacidade e incapacidade mesmo em um ambiente dito acessível e democrático. Cientes disso, é que justificamos a relevância do presente gesto de interpretação. Conforme Orlandi, (2012, p. 18):

[...] a interpretação é um “gesto”, ou seja, é um ato no nível simbólico[...] O gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. (ORLANDI, 2012, p. 18)

Assim, em nosso gesto, tal interpretação se organiza na discussão de sequências enunciativas, recortadas da postagem no canal do intérprete “Danrley Oliveira”, o qual adentramos para observar efeitos de sentido que emergem de seu material. Para tanto, acionamos as concepções foucaultianas relacionadas à *regularidade discursiva* (FOUCAULT, 2010a, p. 28), de forma que “não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância”. Considerando que nossa análise se pauta mais especialmente na recepção do vídeo do que, de fato, na prática do autor ou em sua motivação, nos atentamos para como os sujeitos ordinários se movimentam e se relacionam a partir das possibilidades oferecidas pelo *Youtube*.

De acordo com Santos e Leque (2016, p. 110):

[...] uma postagem em *timeline*, o compartilhamento de um arquivo ou o ato de fazer circular uma *hashtag*, assim como outras manifestações em ambientes digitais, são formas de produção de discursos. É claro que, nesse processo produtivo, tanto a cultura surda quanto a cultura ouvinte, agora disponíveis para surdos e ouvintes por meio das tecnologias, produzem deslocamentos nos conteúdos e sujeitos, sobretudo constituindo novas re-

Como apontam os autores, o surgimento de pautas sobre a comunidade surda e a respeito dos elementos intrínsecos à sua cultura ou identidade, dentro do espaço discursivo das mídias sociais digitais, alavancaram-se nos últimos anos. Com o crescimento dos ambientes de comunicação via ferramentas digitais, possibilitou-se às pessoas surdas e às pessoas ouvintes, a construção de relações que erigem do exercício da liberdade de expressão na internet – o que demandou a eles tornarem-se autores de suas escritas também na esfera *on-line*.

Aos surdos, porém, os recursos midiáticos geram pontos positivos e negativos: no primeiro caso, a democratização da internet permite ao indivíduo gestovisual outra forma de se inserir na sociedade. Tendo grande visibilidade e participando mais ativamente das trocas discursivas, o surdo pode usufruir dos recursos inerentes ao *Youtube*, principalmente pelo caráter imagético de vídeos informativos, cursos, dicas e músicas compartilhados.

Acerca das desvantagens, cabe ressaltarmos que, ao escrever na materialidade *on-line*, as pessoas surdas se valem de experiências e compreensões de um mundo que se formam a partir da surdez, enquanto todo o ambiente digital e a maioria dos internautas se constituem de uma realidade ouvinte e assim se expressam. A condição da exposição da escrita desses sujeitos faz com que se tornem suscetíveis à emissão de julgamentos pelos internautas que emitem *discursos ordinários* (SILVEIRA, 2016) a partir da permissividade ofertada pelas plataformas.

O *discurso ordinário* digital põe em jogo a posição-sujeito ordinário, ligado a instâncias midiáticas não legitimadas, que se desenvolve por uma relação de autoria de um texto coletivo que se constrói pelo conjunto de outros textos, dados, links, palavras-chave que não se sabe exatamente de onde vêm. (SILVEIRA, 2015, p. 24)

Neste trabalho, mobilizamos tal conceito para pensar nos sujeitos ordinários envolvidos em difundir conteúdos no Youtube e ativos no espaço destinado aos comentários, enquanto ocupantes de um lugar que proporciona a legitimação do dizer por meio da circulação frequente e em grande proporção. Adentrar o *Youtube* com a consciência desse duplo funcionamento, leva-nos a problematizar a construção social de tais discursos, por vezes estigmatizados, e como eles aparecem no espaço do digital. Motivados pelo vídeo do intérprete, uma suposta autoridade no assunto, os sujeitos expressam suas opiniões a partir das concepções expostas pelo produtor do conteúdo, alicerçado em questões individuais sobre

o tema. Como materialidade discursiva de nosso recorte, o vídeo motivador tem como enunciado “Surdo escreve errado?! Por quê?”

Figura 1: Vídeo do canal no Youtube.



Fonte: *Print* realizado pelas autoras.

O vídeo foi publicado em 4 de maio de 2017 e, até o momento, recebeu 16.108 visualizações, com 1,5 mil curtidas. O canal *Danrley Oliveira* possui 137 mil inscritos e, no vídeo que analisamos, foram apresentadas 77 postagens de discursos em torno do tema. É possível observar que, apesar do tempo de publicação, os comentários perpassam por uma linha cronológica, sendo alimentados por novos discursos na atualidade. A transitoriedade e a velocidade de informações, nesse espaço, permitem a sujeitos intérpretes se engajarem de forma profissional com o compartilhamento de conteúdos referentes à comunidade surda e à língua de sinais. Uma questão importante sobre o youtuber é sua participação ativa em outras redes sociais com o *nikename* masterlibras - nome do curso que vende no site e divulga atualmente no *Youtube*:

Figura 2: Perfil do canal.



Fonte: *Print* realizado pelas autoras.

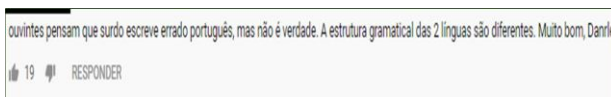
Figura 3: Propaganda do curso.



Fonte: *Print* realizado pelas autoras.

Os comentários têm por função responder à pergunta que o intitula e, na fala proferida por Danrley Oliveira, ele explica toda a situação do sistema linguístico diferenciado que perpassam a LIBRAS e a LP (língua portuguesa). A partir dos *prints*, da sequência enunciativa I, podemos perceber os posicionamentos a respeito da escrita da LP por surdos e ouvintes na *internet*.

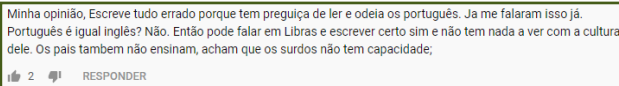
Sequência Enunciativa I: Comentário no vídeo do canal de Danrley Oliveira.



Fonte: *Print* realizado pelas autoras.

Na SE I, com 19 *likes* e nenhuma descortida, a usuária da rede tem consciência de que a LIBRAS é a língua materna do surdo e que o português, como L2, possui estrutura distinta. Esse comentário nos faz mobilizar a noção de efeito de evidência com Orlandi (2012), para entender como existem opiniões limitadas sobre algo. Nesse contexto, de acordo com a concepção da sociedade ouvinte, como traz a internauta, os surdos escrevem “errado” a língua portuguesa. A internauta não contempla a realidade específica de determinado sujeito, nem as possibilidades sobre escrever “certo” ou “errado” – o que abre uma extensa discussão sobre o assunto. Ao contrário, ela engessa a escrita da pessoa surda quando se trata da língua portuguesa, fazendo propagar com seu comentário efeitos de evidência sobre a escrita desse povo.

Sequência Enunciativa II: Comentário no vídeo do canal de Danrley Oliveira.

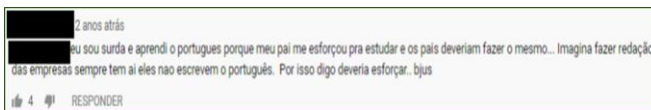


Fonte: *Print* realizado pelas autoras.

Na amostra II, por outro lado, os sujeitos não legitimados atestam que o surdo tem dificuldades em produzir textos coesos, chegando a caracterizar a especificidade dessa escrita como algo que justifica preferir dizeres como “surdos não têm capacidade” (SE II). Em nosso gesto de interpretação, vemos que o internauta utiliza o fragmento “já me falaram isso já” para reforçar sua opinião, ratificando-a por meio de uma ideia geral, compartilhada. Os dois *likes* observados emitem possíveis afirmações para toda a opinião expressa pelo sujeito ou para fragmentos de seu comentário.

A materialidade da SE II, como regularidade de um processo inerente não apenas às opiniões manifestadas na internet, é assentada em discursos que deixam transparecer efeitos de evidência sobre como a escrita do surdo é construída, sobre como eles compreendem gêneros/textos diversos ou constroem suas escritas. Junto de concepções estabilizadas acerca do seu processo de aquisição ou de uso da língua escrita, há, ainda, a visão de que o surdo deve ser forçado a aprender, além daqueles que o classificam como “incapaz”.

Sequência Enunciativa III: Comentário no vídeo do canal de Danrley Oliveira.

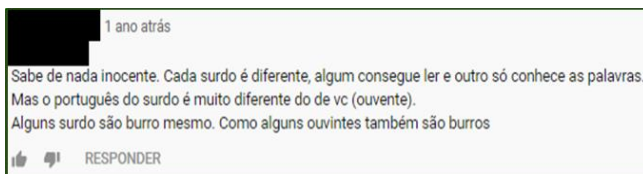


Fonte: *Print* realizado pelas autoras.

A internauta, ao se posicionar a favor dos pais que direcionam os filhos surdos para aprenderem língua portuguesa, realiza uma importante diferenciação entre a LIBRAS e a segunda língua dos surdos, atestando que, em possíveis redações de empresa, os sujeitos surdos “escrevem o

português”. Observamos que, para a autora do comentário, a língua naturalmente utilizada seria a língua de sinais escrita. Notamos, também, o uso de uma experiência pessoal como referência ideal para outras relações entre pais e filhos surdos, na busca por uma normalização desses sujeitos e pela aceitação no mercado de trabalho inacessível. O comentário conta com 4 likes que indicam um possível apoio a essa ideia na plataforma.

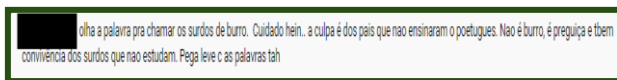
Sequência Enunciativa IV: Comentário no vídeo do canal de Danrley Oliveira.



Fonte: *Print* realizado pelas autoras.

A SE IV é a resposta de outros dois comentários selecionados no *corpus* deste trabalho. Ao declarar a diferença entre os surdos, o internauta aponta as particularidades de cada um e a impossibilidade de direcionar uma habilidade, ou a falta dela, no que diz respeito a todos da comunidade. Entretanto, para o criador do comentário, sem nenhuma interação no espaço de curtidas, não desenvolver a escrita em língua portuguesa e uma boa leitura são situações caracterizadas como burrice e podem ser práticas tanto da pessoa surda quanto da pessoa ouvinte.

Sequência Enunciativa V: Comentário no vídeo do canal de Danrley Oliveira.

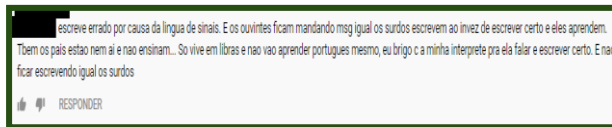


Fonte: *Print* realizado pelas autoras.

Na SE V, lembrando a primeira, o sujeito deposita, em sua resposta ao comentário da SE IV, a responsabilidade aos pais sobre o aprendizado da língua portuguesa e não acredita ser adequado utilizar a palavra “burro”, mas sim “preguiçoso” quando se trata de se referir ao surdo que não aprende a segunda língua. O que nos inquieta, nessas sequências enunciativas, são as caracterizações ligadas à ideia de incapacidade, as

quais são abordadas como se fossem inerentes ao sujeito surdo. Enquanto isso, se o ouvinte demonstra problemas com a aprendizagem da sua língua materna, na maioria dos casos, ele é apenas alguém que tem “dificuldades” que podem ser resolvidas com reforço escolar ou práticas mais dinâmicas.

Sequência Enunciativa VI: Comentário no vídeo do canal de Danrley Oliveira.



Fonte: *Print* realizado pelas autoras.

Na nossa última sequência enunciativa de análise, uma importante figura da comunidade surda é mencionada como também participante do processo de aprendizagem dos surdos sobre a língua portuguesa. O intérprete surge, então, como um auxiliar que deveria promover, por meio de suas correções, a escrita “certa”, em língua portuguesa, de seu aluno surdo. Novamente, os pais e os colegas ouvintes aparecem como responsáveis pelo fracasso com a segunda língua, nesse comentário o internauta denuncia a falta de incentivo ao utilizarem a LIBRAS para facilitar o diálogo com a pessoa surda por mensagens. A crítica do internauta volta-se para essa busca pela facilidade quando, para ele, parece ser mais importante entrar em contato com a língua portuguesa do que “ficar escrevendo igual os surdos”.

Em afinidade com nosso *gesto de interpretação* (ORLANDI, 2012) e para desenvolver uma reflexão ainda mais próxima da questão em análise, observamos que, no ensino de uma língua estrangeira, as dificuldades de um aluno ouvinte são, em sua maioria, situadas ao espaço do normal e cotidiano, ou seja, encaradas apenas como falta de prática ou de aproximação com a outra língua. Dessa forma, o que emana das abordagens discutidas aqui é a culpabilização dos pais referente ao filho surdo dominar ou não a segunda língua e a relação entre a vontade dos surdos e a necessidade de entrarem de fato na sociedade ouvinte.

Para os internautas, nessa balança, a necessidade parece sempre pesar mais do que a força de vontade dos sujeitos surdos de aprenderem a língua portuguesa – o que justificaria a manutenção de um sistema ex-

cludente que força a adequação dos indivíduos às regras normativas. A falta de crítica para o todo permite observar a intensidade de uma *cultura do esforço* quando se trata desse grupo marginalizado. Tal concepção compromete a pessoa surda com a incansável luta pela aceitação e por algum espaço para a expressão de sua (re)existência.

3. *Conclusão*

No que tange à emergência desse novo funcionamento da comunidade na plataforma digital e as manifestações direcionadas a ela no espaço dos comentários, enquanto analistas do discurso, por meio da pesquisa, da ciência e do nosso compromisso com a sociedade, consideramos a necessidade de desconstruir os dizeres que engessam os surdos em suas articulações linguísticas e tercerizam as responsabilidades de um problema social para os pais ou para a capacidade dos sujeitos. Ao não se encaixarem no padrão de escrita imposto pela sociedade hegemônica, percebemos que tais sujeitos são alvos de discriminação e exclusão no apagamento de suas condições de aprendizagem e miscigenação cultural também na *internet*.

Ao realizarmos esta análise, pautada em práticas discursivas produzidas e veiculadas na ordem do ambiente digital, observamos que, nos espaços discursivos da *internet* e sob a constante produção de textos imagéticos, os surdos têm participado cada vez mais de redes sociais, tornando-se seres midiáticos, em conformidade aos anseios da atualidade. O aumento de usuários do *Youtube* que o utilizam como instrumento de trabalho e cuja atenção mantém-se voltada à produção de lucro, seja pelo número de inscritos nos canais, seja pelas visualizações obtidas nos vídeos veiculados, é inegável que a plataforma passou a contemplar diversos conteúdos que, na nossa sociedade, eram pouco discutidos, embora de extrema relevância.

Na direção desse movimento, o surgimento do canal do Danrley Oliveira, e de tantos outros intérpretes que buscam disseminar a informação em um ambiente mais acessível, ocupa um espaço considerável e crescente nas condições de emergência do digital. Apesar das visões estereotipadas, explicitadas aqui, não podemos deixar de perceber que o vídeo analisado se insere nesse material mais acessível que, ao expor a diferença e seus elementos específicos, aproxima o surdo e o possibilita maior espaço de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALLAN, Maria Salomé Soares. *Análise discursiva dos estudos surdos em educação: a questão da escrita de sinais*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baetta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

_____. *A ordem do discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2010b.

KARNOPP, Lodenir Becker. Práticas de leitura e escrita entre os surdos. In: LODI, Ana Cláudia Balieiro (Org.); MELO, Ana Dorziat B. (Org.); FERNANDES, Eulália (Org.). *Letramento, bilinguismo e educação de surdos*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 153-71

MENDES, Ana Paula Saffe. *A circulação de traduções/interpretações em LIBRAS no Youtube: identidade surda, segregação e efeitos de poder*. Relatório Final de Iniciação Científica. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2018.

MENDES, Ana Paula Saffe; SANTOS, Elaine de Moraes. Interpretação em LIBRAS no Youtube: produção, circulação e efeitos de sentido. In: Giovanna G. Benedetto Flores (Org.). *Discurso, cultura e mídia: pesquisas em rede*. 1. ed. Santiago: Oliveira Books, 2019, V. 3, p. 17-34.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico*. 6. ed. Campinas-SP: Pontes, 2012.

SANTANA, Ana Paula. *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo: Plexus Editora, 2007.

SANTOS, Elaine de Moraes; LEQUE, Lucas Brittes. Corpo-intérprete e surdez: o confronto de formações discursivas na arriscada ordem do digital. In: *REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, V. 10, n. 2, 2016, p. 99-124.

SILVEIRA, Juliana. O efeito de rumor na discursivização do corpo político-midiático: imagens rumorais no discurso ordinário digital. In: *REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, V. 10, n. 2, p. 57-80, 2016.

SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 7. ed.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Porto Alegre: Mediação, 1998.

STOKOE, William. *Sign language structure*. Silver Spring: Lintok Press, [1960]1978.